

ESPORTES RADICAIS, DE AVENTURA E DE AÇÃO: O CONTEÚDO DOS ENSINOS FORMAL E NÃO FORMAL E OS DESAFIOS DE FORMAÇÃO E PRÁTICA DO PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Entrevista realizada com o Prof. Ms. Dimitri Wuo Pereira, Universidade Nove de Julho- UNINOVE, São Paulo – Brasil

Entrevistadores: Adriana Mesquita de Almeida, Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas, São Paulo - Brasil

Arthur Fernandes Gáspari, Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas, São Paulo - Brasil

RESUMO

Professor universitário desde 2005, Dimitri Wuo Pereira atua na área de Esportes de Aventura e se destaca no cenário nacional por seu pioneirismo e grande quantidade de publicações sobre o tema. Além de pesquisador da área, Dimitri é praticante entusiasta e experiente de escalada, mergulho e caminhada, dentre outros esportes. Seu trabalho e dedicação têm feito com que cada vez mais estudantes e profissionais da Educação Física se aproximem e atuem no mundo dos Esportes de Aventura. Considerando sua ampla experiência realizamos esta entrevista com a qual pretendemos ampliar o debate sobre os Esportes de Aventura.

Palavras-Chave: Esportes radicais; Esportes de aventura; Formação profissional; Educação física.

EXTREME SPORTS, ADVENTURE AND ACTION: THE SUBJECT OF FORMAL AND NON-FORMAL TEACHING AND THE CHALLENGES OF TRAINING AND PRACTICE OF PHYSICAL EDUCATION

ABSTRACT

University professor since 2005, Dimitri Wuo Pereira acts in the Adventure Sports field and stands out on the national scene for his pioneering and large amount of publications on the subject. Besides researcher in the field, Dimitri is an enthusiastic and experienced practitioner of climbing, diving and hiking, among other sports. His work and dedication have excited more and more students and professionals of Physical Education to approach and act in the world of Adventure Sports. Considering his extensive experience, we conducted the interview in which we intend to expand the debate about Adventure Sports.

Key-Words: Extreme sports; Adventure sports; Vocational training; Physical education.

Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 12, n. 3, p. 159-168, jul./set. 2014.

ISSN: 1983-9030

DEPORTES RADICALES, DE AVENTURA Y ACCIÓN: EL CONTENIDO DE LA EDUCACIÓN FORMAL E INFORMAL EN LOS DESAFÍOS DE FORMACIÓN Y PRÁCTICA DEL PROFESIONAL DE EDUCACIÓN FÍSICA

Profesor universitario desde el año 2005, Dimitri Wuo Pereira actúa en el área de deportes de aventura y se destaca en el escenario nacional por ser pionero en gran cantidad de publicaciones sobre el tema. Además de investigador en este área, Dimitri es entusiasmado practicante y muy experimentado en deportes como la escalada, el buceo o las caminatas entre otros. Su trabajo es muy dedicado y ha conseguido que cada vez más estudiantes y profesionales de Educación Física se acerquen y actúen en el mundo de los deportes de aventura. Considerando su amplia experiencia, realizamos esta entrevista con la que pretendemos ampliar el debate sobre los deportes de aventura.

Palabras-Clave: Los deportes extremos; Deportes de aventura; La formación profesional; Educación física.

1. Na atualidade pode-se observar o uso de dois termos distintos, “Esportes de Aventura” e “Esportes Radicais”, há alguma diferença entre eles? Como você os definiria? Nesse contexto, qual o significado de Atividades Físicas de Aventura na Natureza (AFAN)?

Defendo a ideia de Esportes Radicais, de Aventura e de Ação. Primeiro utilizo a terminologia Esporte dentro da definição da UNESCO – ONU,¹ e também já referenciada por Tubino² no livro Dimensões Sociais do Esporte, nas quais o esporte é um fenômeno que apresenta três elementos distintos e complementares: o rendimento (competição), a participação (âmbito do lazer, condicionamento físico voluntário ou saúde) e educação (formação do sujeito). Discordo da separação da educação física com o esporte, tal qual se vê nos dias atuais, compreendo que essa separação reduz, simplifica, objetiva e determina a cultura corporal, cultura essa que está em constante transformação e que por sua complexidade não permite disjunções. Talvez, todas as ideias que compartilharei a partir dessas seguem o princípio da complexidade, já defendida por mim em minha dissertação de mestrado e que se baseia nos estudos que faço de Edgar Morin,³⁻⁴ que afirma a necessidade de reunir aquilo que está separado.

O termo Radical vem do latim e significa raiz ou extremo. Nos faz lembrar adrenalina e medo, hormônio e sensação/sentimento presentes nas práticas que tenho procurado ensinar nos últimos 20 anos como possibilidades de formação humana. Claro que a adrenalina e o medo estão presentes em situações diversas da vida como um assalto, um acidente, etc, mas a diferença está na escolha deliberada da pessoa pela busca de atividades que o impulsionarão a essas sensações. Sempre que se fala em radical lembra-se do perigo e risco dessas atividades e nesse sentido percebe-se a relação de extremismo entre a vida e a morte de quem pratica o montanhismo, por exemplo. Mas porque arriscar-se em montanhas sabendo-se que a morte pode vir? Talvez, porque precisemos provar a nós mesmos a capacidade de enfrentar os desafios da vida dando-lhe um sentido que vá além da conformidade do cotidiano, do nascer, crescer e morrer, é preciso como diz David Le Breton⁵ encontrar algo que faça perceber o sentido da vida e nada mais importante do que arriscar aquilo que temos de mais precioso, sentindo que podemos sair dessa experiência com a lembrança marcada em nosso corpo de que

fomos capazes de ter o controle do nosso destino em nossas mãos, mesmo que por um instante. É isso que faz um escalador quando busca um novo desafio numa montanha, rocha, Boulder, ou parede, quer se por a prova, para acreditar em sua humanidade que se constrói além da sua natureza física, seguindo na direção de uma existência significativa. Isto é o Esporte Radical, uma experiência capaz de me provar que estou vivo e que valorizo cada instante, cada ar respirado, cada gota de água, cada pôr do sol, cada esforço realizado, cada compartilhamento com meus parceiros nos momentos de angústia e cada alegria de uma conquista.

Dentre os Esportes Radicais surge uma classificação, que ajuda a compreender o tipo de desafio a ser superado: Esporte Radical de Aventura é quando o objetivo do praticante se relaciona mais com “o que está por vir”, ou seja, com o desconhecido ou o inesperado, tal como vemos na vivência de montanhistas, mergulhadores, canoístas etc; Esporte Radical de Ação, por outro lado, aproxima-se da intenção explícita de fazer manobras durante a prática, como no skate, patins, bike ou outras modalidades, pois ação tem por significado o movimento, a busca pelo movimento perfeito. Porém não costumo usar essas terminologias de forma definitiva, nem determinista como se uma coisa não estivesse diretamente relacionada com a outra, em outras palavras, os Esportes Radicais são de aventura e de ação, o que permite a compreensão de ambos os termos como co-significados.

Já AFAN é um termo que refuto, com todo respeito, pois acredito que foi um termo importado da Espanha, que após algumas discussões no Brasil (CBAA) já foi deixado de lado, por sua inconsistência teórica. Vou tentar explicar meu ponto de vista: atividade física é qualquer movimento que tenha gasto energético, não se relacionando diretamente com a cultura corporal especificamente estudada pela Educação Física. Logo, lavar roupa no tanque é atividade física, mas nem por isso vou ensiná-la nas aulas de Educação Física. Compreendo que as pessoas que no Brasil primeiro começaram a usar esse termo ainda na década de 1990, tinham a intenção de valorizar o exercício como forma de propagar a saúde, mas daí a usar essa expressão como sinônimo de cultura corporal há uma distância enorme. A palavra Aventura costuma remeter a ideia de imprevisibilidade que também compartilho, mas em geral esquecem que algumas

atividades não são tão imprevisíveis e estou falando da cultura de manobras do skate, patins etc. Por fim, Natureza, que provém do grego *Physis*, isto é, aquilo que é físico, tem corpo, ou matéria, e dessa forma, falar de natureza é uma redundância, porque tudo é natural, tudo é físico. A utilização de Natureza reforça a ideia de práticas em ambientes selvagens, inóspitos, desconhecidos, ao ar livre, mas esses ambientes não existem, porque o ser humano já chegou a todos os lugares do planeta, e todos os ambientes urbanos são naturais, a diferença como costume dizer é a quantidade de cultura que há em cada ambiente natural, alguns possuem muita modificação humana, outros pouca, mas tudo é natural, mesmo que tenha sido modificado.

2. O que te motivou a escolher a área dos Esportes de Aventura como atividade profissional e acadêmica?

Az zahr, palavra árabe para jogo de dados, isto é, o acaso. Eu era professor de escola e academia, e sentia que faltava algo. Gostava do contato com cachoeiras, montanhas, acampamentos, bike, trilha, skate etc, mas não conhecia as técnicas. Então o acaso me deu a oportunidade de conhecer a escalada e percebi que a Educação Física agora fazia sentido para mim e comecei a escalar quase todos os dias. Descobri que há 20 anos um profissional de Educação Física com conhecimentos de aventura era uma raridade e senti a necessidade de investir nessa área. Dediquei-me totalmente e o, caminho da escola e da Universidade acabaram colidindo com o meu e com os anseios da sociedade contemporânea.

3. Apesar de haver uma demanda latente, são poucas as instituições de ensino que abordam os Esportes de Aventura nos cursos de formação em Educação Física. Em sua opinião, quais são os desafios para que os Esportes de Aventura se consolidem enquanto conteúdo nos currículos de Educação Física?

O desafio é a capacitação de novos profissionais de Educação Física em Aventura. Há uma carência enorme, só em Agosto de 2014 foram duas Universidades de São Paulo pedindo indicação para professor de Aventura, pois tinham a disciplina na grade e não tinham uma pessoa com formação adequada. O curso de pós-graduação em Aventura da FMU é o único na atualidade preparando os profissionais para esse mercado.

Em geral hoje, as Instituições de Ensino Superior colocam na grade a disciplina, mas não encontram professores. Muitas vezes professores com outras especializações são alocados nela e sentem-se perdidos, ou angustiados por não terem embasamento para desenvolver esse tema, passando aos seminários, ou palestras com praticantes em suas aulas.

4. Quais as principais características e objetivos de uma disciplina de Esporte de Aventura para cursos de graduação? Qual a importância deste conteúdo para os profissionais da Educação Física?

É importante verificar se o curso é de licenciatura ou bacharelado.

Na licenciatura o professor vai precisar compreender as diversas modalidades, o perigo de cada uma, como desenvolver o controle dos riscos e como adequar seis aspectos da escola para sua atuação: o espaço, o material, o professor, a segurança, a direção e os pais/comunidade, como já apontou o professor Laércio Franco⁶ em sua dissertação.

No bacharelado a necessidade é outra, deve-se desenvolver o conteúdo no âmbito do lazer e do alto rendimento, relacionando com o turismo, o meio ambiente, o mercado, e aprofundando em questões técnicas e lúdicas.

5. Os Esportes de Aventura estão ganhando maior visibilidade, porém levá-los para dentro da escola ainda é um desafio – tanto pela falta de espaço e equipamentos apropriados quanto pelo receio de coordenadores e diretores que ainda acreditam que esta seja uma atividade perigosa –, qual conselho você daria para um professor que deseja implementar este conteúdo em suas aulas de Educação Física?

Vamos lá:

Espaço – o professor deve mudar seu olhar para a escola, costumo dizer que a melhor parte do livro *Pedagogia da Aventura*⁷ é sua capa, se você apenas olhar a capa, já verá uma escola na perspectiva dos Esportes Radicais.

Material – conhecer as modalidades para criar soluções de equipamentos como fizeram os surfistas e professores de Educação Física Neil e Renata em Garopaba – SC com o projeto de pranchas de garrafa PET.

Segurança – conhecer as técnicas e procedimentos de cada modalidade, só assim você ajuda seu aluno a reconhecer os perigos e controlar os riscos. Além disso, desenvolver boas estratégias de ensino para manter a motivação e prevenir acidentes.

Professor – capacitação e vivência.

Direção – parte difícil (risos). Nos Parâmetros Curriculares Nacionais⁸ o eixo transversal “meio ambiente” já tem a proposta de utilizar os Esportes Radicais (essa é a terminologia no texto dele) com as modalidades montanhismo, skate, surf, etc, para ensinar e educar de forma interdisciplinar as questões relativas à preservação ambiental e no caderno do Estado de São Paulo⁹ já está colocado como obrigatória a aprendizagem do skate e *parkour*. Portanto se os documentos oficiais indicam os Esportes Radicais como conteúdo, não deve existir barreiras da direção. Mas a direção em geral desconhece esses conteúdos nos documentos.

Pais/comunidade – é preciso trazê-los para sua aula, pode ser em festa junina montando um *slackline* ou no dia dos pais praticando com seus filhos o *parkour* ou skate. Assim o professor conseguirá aliados no lugar da desconfiança. Não podemos culpar os pais, eles desconhecem o que sabemos.

6. Como tem sido sua experiência de trabalhar os conteúdos do Esporte de Aventura nos ensinos formal e não formal? Como se dá a participação dos alunos?

No momento não estou no ensino básico, mas enquanto estive atuando foi um desafio provar que era possível, hoje as coisas são mais fáceis. A participação do aluno tem um aspecto importante, a segurança deve ser responsabilidade do aluno!!!!!!

As exclamações são para os leitores, pois sei que causa indignação uma afirmação dessas, mas tentarei explicar.

O educando precisa aprender a se responsabilizar pela própria segurança e decidir o momento de fazer ou não uma tentativa em práticas de risco, pois é a vida dele em jogo, a integridade dele, portanto o professor deve respeitar quando o aluno não quer fazer e deve ser o primeiro em ajudá-lo quando este precisar de apoio. Aqui reside a necessidade de conhecimento técnico da modalidade, porque assim o professor passa tranquilidade a quem aprende e sabe prever situações que poderão dar errado antes que aconteçam. É claro que não dizemos para crianças de educação infantil: “A responsabilidade é sua”. Esse é um processo gradual de aquisição de maturidade e conhecimento até que seu aluno possa decidir por si como e quando se arriscar. Mas essa maturidade o ajudará na vida adulta a tomar decisões e esse é meu maior orgulho com meus alunos, crianças que se tornam pessoas mais conscientes nos momentos de decisão.

7. Além do trabalho acadêmico, você possui uma empresa de Esportes de Aventura voltada para o campo educacional. Conte-nos um pouco sobre as atividades que a sua empresa promove e como esse pode ser um campo de atuação profissional para egressos de cursos de educação física?

Minha empresa já fez muitos muros de escalada em escolas, já atuei com aulas em escolas, mas hoje não faço mais isso por falta de tempo. Montei 26 paredes de escalada horizontais no Sesi do Estado de São Paulo, apostando nelas como uma forma de desmistificar a aventura na escola.

Hoje trabalho muito com eventos de aventura, sempre com foco em proporcionar experiências enriquecedoras às pessoas que ainda não conhecem os Esportes Radicais. Alguns de meus alunos montaram empresas por influência minha nesse ramo e hoje seguem nessa área com muito sucesso: MSV, Via Brasil Aventura, CAT, Aguiar Adventure entre outras, e isso mostra o potencial da Educação Física nessa área, mas aviso: é preciso se capacitar para tal atuação.

8. Quais são seus projetos atuais e futuros nessa área?

Escrever um pouco sobre o assunto (o próximo livro está quase pronto) para ajudar na divulgação dessa temática. Continuar a graduação e pós-graduação lato sensu ajudando

a formar pessoas. Escalar e fazer outras aventuras com os amigos. Manter a empresa sempre na ponta quando se trata de aventura educacional.

9. Quais referências você indica para quem pretende se aprofundar um pouco mais no tema?

Pedagogia da Aventura⁷ - não dá pra fugir dele porque na área educacional não tem obra igual no mundo, o problema é ser em português, mas acho que os gringos têm outras obras importantes e mais a ver com o contexto deles, o nosso (meu e do Igor Armbrust) tem a cara do Brasil.

Atividades e Esportes de Aventura¹⁰ para profissionais de Educação Física organizado pelo Luciano Andrade Bernardes coordenador da pós de aventura é essencial, porque é o mais completo em todos os aspectos.

Juventude Lazer e Esportes Radicais,¹¹ gosto muito, porque o livro é bom e porque o Uvinha é um grande cara dessa área e inclusive quem me deu a primeira oportunidade de palestra no Ensino Superior na FEFISA.

Mas tem muitos autores que tem que ser lidos nessa área, não por uma obra, mas pelo conjunto, como: David Le Breton porque compreendeu a essência do que é radical, Alcyane Marinho (eu já li tudo e não me canso de reler), Giuliano Pimentel, Flavio Ascânio, Gisele Schwartz, Vera Lucia Costa, Enio Pereira de Pelotas, Cleber Augusto Gonçalves Dias (que não se arrisca, mas compreende como ninguém esse tema).

REFERÊNCIAS

¹O ESPORTE COMO POSSIBILIDADE DE DESENVOLVIMENTO. Brasília: UNESCO, Fundação Vale, 2013. (Cadernos de referencia de esporte; 7).

²TUBINO, M. J. G. **Dimensões sociais do esporte**. 2. ed. rev. São Paulo: Cortez, 2001.

³MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2003.

⁴ MORIN, E. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

⁵LE BRETON, D. Dos jogos de morte ao jogo de viver na montanha: sobre o alpinismo solitário. In: PEREIRA, D. W. (Org.). **Entre o urbano e a natureza a inclusão na aventura**. São Paulo, Alexia, 2010.

⁶FRANCO, L. C. P. **Atividades físicas de aventura na escola**: uma proposta pedagógica nas três dimensões do conteúdo. 2008. 134 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) - Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, São Paulo, 2008.

⁷PEREIRA, D. W.; ARMBRUST, I. **Pedagogia da aventura**: os esportes radicais, de aventura e de ação na escola. São Paulo: Fontoura, 2010.

⁸BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. **Parâmetros curriculares nacionais**: Educação Física. Brasília, 1998.

⁹SÃO PAULO. Secretaria da Educação. **Proposta Curricular do Estado de São Paulo**: Educação Física. São Paulo, 2008.

¹⁰BERNARDES, L. A. **Atividades e esportes de aventura para profissionais de educação física**. São Paulo: Phorte, 2013

¹¹UVINHA, R. R. **Juventude, lazer e esportes radicais**. Barueri: Manole, 2001.

Recebido em: 15 set. 2014

Aceito em: 22 set. 2014

Contato: driics@yahoo.com.br